



Resiliência regional evolucionária e os impactos da Covid-19: o papel das cooperativas no Vale do Paranhana/RS

Alexandre Aloys Matte Junior¹
Matheus Dill²

Recebido em: 09-11-2023

Aceito em: 23-04-2024

Resumo

Este estudo analisou o impacto das ações de cooperativas na resiliência regional do Vale do Paranhana, com especial atenção ao contexto da pandemia de Covid-19. A resiliência regional é definida como a capacidade de um território em criar e implementar novos recursos e capacidades que possibilitem a adaptação positiva à processos de mudanças. Nesse sentido, contribuindo com a resiliência do território estudado, o cooperativismo, com seu foco no desenvolvimento de pessoas e empresas, possui um papel importante no progresso de municípios e regiões, especialmente diante dos desafios econômicos e sociais impostos pela pandemia. Entrevistas com gestores de três cooperativas do Vale do Paranhana revelaram suas contribuições significativas para o desenvolvimento e resiliência regional durante a pandemia de Covid-19, incluindo a garantia da saúde da população, o apoio ao crédito e ao empreendedorismo, e a promoção de produtos locais, fortalecendo assim a saúde econômica e social da região. Estas descobertas confirmam a importância de estratégias regionais que incentivem a colaboração entre diversos atores econômicos, sociais e políticos com foco na resiliência da região.

Palavras-chave: Cooperativismo. Resiliência regional. Covid-19. Desenvolvimento. Estratégias.

Evolutionary regional resilience and the impacts of Covid-19: the role of cooperativism in Vale do Paranhana/RS

Abstract

This study analyzed the impact of cooperative actions on the regional resilience of Vale do Paranhana, with special attention to the context of the Covid-19 pandemic. Regional resilience is defined as the capacity of a territory to create and implement new resources and capabilities that enable positive adaptation to change processes. In this sense, contributing to the resilience of the studied territory, cooperativism, with its focus on the development of people and companies, plays an important role in the progress of municipalities and regions, especially in the face of the economic and social challenges imposed by the pandemic. Interviews with managers from three cooperatives in Vale do Paranhana revealed their significant contributions to regional development and resilience during the Covid-19 pandemic, including ensuring the health of the population, supporting credit and entrepreneurship, and promoting local products, thus strengthening the economic and social health of the region. These findings confirm the importance of regional strategies that encourage collaboration between diverse economic, social and political actors with a focus on the region's resilience.

Keywords: Cooperativism. Regional resilience. Covid-19. Development. Strategie.

1 Introdução

Uma região (uma cidade ou uma comunidade) “resiliente amplia oportunidades para todos os grupos etários e sociais, estabelece e consolida uma rede de conectividades e internaliza, na sua matriz socioeconômica, condições de aprendizagem que permitem evitar ou

¹ Doutorando em Economia no Programa de Pós-Graduação em Economia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (PPGE-Unisinos). E-mail: alexandrejr1408@gmail.com

² Doutorado e Pós-Doutorado em Agronegócios (Centro de Estudos e Pesquisas em Agronegócios-CEPAN/UFRGS). Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: matheusdill@hotmail.com

inovar a partir de quadros de tensão” (Gonçalves, 2017, p. 383). Assim, as regiões resilientes seriam aquelas que se adaptam de forma mais rápida à mudança, que são menos vulneráveis a choques externos e turbulências e que conseguem responder mais rapidamente para evitar dificuldades socioeconômicas. Também, ampliando-se o conceito de resiliência, esta não foca apenas no sucesso econômico, mas sim em mantê-lo, através de um longo período, e, dessa forma, a resiliência não se restringe apenas na resposta a choques e dificuldades pontuais, mas é um processo contínuo, a capacidade de longo prazo das regiões de desenvolverem novas trajetórias de crescimento, numa perspectiva de evolução do sistema (SCHMIDT; ZEN; 2010; BOSCHMA, 2015).

A necessidade de estudos que possam aprofundar a resiliência das regiões no longo prazo parece ter ganho ainda mais relevância com os diferentes impactos da pandemia causada pelo Covid-19, que, além da crise sanitária, provocou irreparáveis dificuldades econômicas, extinção de postos de trabalho e estagnação econômica. Este cenário não foi diferente no Vale do Paranhana/RS, onde estima-se que mais de cinco mil empregos formais foram extintos em virtude de desdobramentos da pandemia (LINDEN, 2020). Sendo uma região com importante atividade industrial, percebe-se que os impactos causados pela redução na renda das famílias tendem a influenciar negativamente atividades comerciais e o desenvolvimento de toda região.

Diante deste cenário pandêmico, onde dificuldades são encontradas na saúde pública e no cenário econômico mundial, a cooperação nunca foi tão essencial. A ação coletiva e a solidariedade tornam-se importantes diferenciais para a resiliência das regiões, onde as diferentes organizações cooperativas desempenham um papel decisivo para a manutenção do bem-estar dos cidadãos. Não poderia ser diferente, uma vez que as cooperativas consistem na união de pessoas voltadas a busca de um objetivo comum e sem a pretensão do lucro, fundamentando-se nos princípios da equidade, liberdade e fraternidade, a exemplo da cooperativa dos Pioneiros de Rochdale, onde as cooperativas da atualidade têm mostrado seu importante papel na sociedade, por meio da geração de emprego e renda, e na luta frente as desigualdades sociais.

Assim, esse artigo tem como objetivo analisar se as ações, estratégias e iniciativas conduzidas por cooperativas do Vale do Paranhana têm contribuído com a resiliência regional, especialmente durante a pandemia de Covid-19. Nesse sentido, o problema de pesquisa a ser respondido constitui-se em: “As cooperativas do Vale do Paranhana têm contribuído com a resiliência regional?”. Assim, espera-se levantar informações de diferentes cooperativas do Vale do Paranhana sobre as atividades e ações de apoio à comunidade e cooperados em meio a

pandemia. Como objetivos específicos, busca-se a) levantar informações com gestores de distintas cooperativas do Vale do Paranhana sobre as atividades e ações de apoio à comunidade e cooperados em meio a pandemia; b) mapear ações, estratégias e atividades conduzidas por cooperativas no apoio à comunidade e seus cooperados durante a pandemia de Covid-19 e; c) analisar os casos e verificar se as cooperativas têm contribuído, através de sua atuação, para a resiliência regional do Vale do Paranhana/RS.

O restante deste artigo apresenta, na seção 2, a revisão de literatura, focando nos conceitos de resiliência regional, resiliência regional evolucionária e sua relação com as cooperativas. Após, a seção 3 apresenta informações e evidências que ajudam a contextualizar o Vale do Paranhana. Em seguida, a seção 4 apresenta a metodologia de pesquisa e, logo após, na seção 5 são apresentados os resultados obtidos a partir dos métodos empregados. Por fim, a seção 6 conclui o estudo.

2 Resiliência regional

Resiliência pode ser definida como a capacidade de um território de conceber e implantar novos recursos e capacidades que lhe permitam adaptar-se favoravelmente à dinâmica de transformação impulsionada pelas mudanças do ambiente. Nesse caso, pode-se afirmar que o território desenvolve uma resiliência dinâmica caracterizada pela capacidade de adaptação e aprendizado de longo prazo diante de mudanças externas e/ou internas.

Nesse contexto adaptativo, a resiliência se aproxima do viés evolucionário, sendo abordada como a capacidade de uma economia regional se reconfigurar, ou seja, adaptar sua estrutura (empresas, indústrias, tecnologias e instituições), a fim de manter um caminho de crescimento na produção, empregos e riqueza ao longo do tempo. A resiliência pode potencialmente permitir uma perspectiva de longo prazo sobre o desenvolvimento econômico regional, diferentemente do foco apenas no crescimento, pois aponta para a capacidade de uma economia regional manter o desempenho por um período mais longo (EVENHUIS, 2017).

Resiliência regional nessa perspectiva propõem uma conceitualização na qual a história é fundamental para entender como as regiões desenvolvem novas trajetórias de crescimento, já que estruturas industriais, de rede e institucionais existentes nas regiões oferecem oportunidades, mas também estabelecem limites ao processo de diversificação e desenvolvimento de novas perspectivas. Ainda, do ponto de vista evolucionário, a resiliência consiste na capacidade de uma região sustentar o desenvolvimento no longo prazo, sendo

considerada tão importante quanto à capacidade de uma região responder positivamente a choques de curto prazo (SIMMIE; MARTIN, 2010; MARTIN, 2012; BOSCHMA, 2015; MARTIN; SUNLEY, 2015; BRISTOW; HEALY, 2018).

O conhecimento e a inovação ganham destaque nas abordagens relacionadas à resiliência regional evolucionária, direcionando-se maior atenção às oportunidades de processos amplos e contínuos de geração de conhecimento, formação de recursos humanos e desenvolvimento de capacidades na indústria e empresas em interação com organizações públicas de pesquisa e educação. Essa abordagem defende a intervenção de políticas para promover a diversificação econômica e resiliência das regiões por meio de políticas personalizadas baseadas na relação entre as indústrias e empresas e na combinação de bases de conhecimento em um contexto de cooperação público-privada. Um amplo conjunto de atores regionais relacionados à inovação, tais quais políticos, *policy makers*, câmaras de comércio, sindicatos, instituições de ensino superior, instituições públicas de pesquisa e empresas, estão fortemente conectados com a intenção de promover o desenvolvimento de novas capacidades (HASSINK, 2010; COENEN et al., 2016).

A necessidade de existir a colaboração voltada à inovação fica ainda mais evidente, uma vez que é a capacidade de inovar das regiões ou sua capacidade de se reinventarem continuamente centrais para promover a adaptabilidade. As regiões estão sujeitas a um processo interminável de destruição criativa, tal qual presente na visão schumpeteriana, onde, no longo prazo, dependem de sua capacidade de diversificar com sucesso e desenvolver novos caminhos de crescimento para compensar processos de declínio (Xiao; Boschma; Andersson, 2018). De fato, a capacidade de inovação em uma região está fortemente relacionada à sua propensão a ser resiliente a choques econômicos.

O capital social da região também é tratado como importante no que tange a resiliência, sendo considerado um diferencial positivo. González-Muzzio (2013) afirma que o capital social consiste em uma série de capacidades adaptativas que se referem às estruturas sociais e à rede de interconexão entre elas e o senso de comunidade e apego ao local. Analisando o papel do lugar e do capital social no período de emergência após o terremoto de 27 de fevereiro de 2010 no Chile, González-Muzzio (2013) indica que ambos os fatores modificaram fortemente a resiliência inerente à cidade e sua comunidade, possibilitando uma recuperação mais rápida e consistente. Os habitantes das áreas afetadas foram forçados a se adaptar rapidamente à nova situação, aproveitando os recursos disponíveis na área. O surgimento de novos grupos e comportamentos emergentes, bem como as características do local, contribuíram positivamente

para melhorar a resiliência adaptativa da comunidade. Esses fatores devem ser considerados no planejamento e/ou reconstrução de cidades com níveis mais altos de resiliência.

O capital social como fator à resiliência regional também apresentou relevância ao se investigar a entrada de novas indústrias e saídas de indústrias existentes nas províncias italianas durante o período 2004- 2010. Os resultados mostram que a ligação do capital social em uma região contribui positivamente para a entrada de novas indústrias, especialmente quando não estão relacionadas às especializações existentes na região. A ligação, e não a ponte (conexões que ligam indivíduos que possuem características socioeconômicas diferentes) do capital social, parece tornar as regiões resilientes em tempos de crise, reduzindo a probabilidade de saída, especialmente em setores não relacionados às especializações existentes nas regiões. Embora a ponte do capital social, visto como a participação e atuação dos atores sociais, tenha um efeito negativo na saída em tempos de prosperidade, ela não mostra mais esse efeito durante o período de crise. Os resultados sugerem que a ponte do capital social perde seu papel de apoio em tempos de crise (ANTONIETTI; BOSCHMA, 2018)

2.1 O impacto regional das cooperativas

Os conceitos de resiliência regional e sua perspectiva evolucionária ressaltam o quanto o ecossistema regional é vital para que se possa fomentar o desenvolvimento no longo prazo, superar choques pontuais, tanto do ponto de vista econômico e social, e promover o fortalecimento da região. Assim, como cita a literatura, os componentes desse ecossistema contribuem de maneira determinante para que a resiliência possa ser construída e, nesse interim, instituições fortes logicamente são capazes de ampliar as capacidades de uma região ser resiliente, especialmente aquelas que possuem foco no desenvolvimento local, como as cooperativas.

Consistindo na união de pessoas voltadas para a busca de um objetivo comum e sem a pretensão do lucro, as cooperativas da atualidade têm demonstrado um importante papel na sociedade, por meio da geração de emprego e renda, e na luta frente às desigualdades sociais. Uma cooperativa é um empreendimento diferente, por exemplo, das demais empresas encontradas na economia, uma vez que possuem a intenção de oferecer aos cooperados condições para que cada um possa se estabelecer eficientemente no mercado.

O empreendimento cooperativo se fundamenta nos valores humanos e na dignidade pessoal. É um instrumento que busca a solução de problemas que, de maneira individual,

apresentam dificuldades para serem resolvidos. Os seus princípios buscam, pelo resultado econômico o desenvolvimento social, a melhoria da qualidade de vida, tendo seus valores baseados na ajuda mútua, responsabilidade, democracia, igualdade, equidade e solidariedade, buscando viabilizar o associado economicamente, mediante prestação de serviços, desenvolvimento cultural e profissional. A geração de resultados garante a sobrevivência do empreendimento, além de trazer uma margem de retorno positivo para o associado (Gawlak, 2010).

Para o contexto desta pesquisa, focada na resiliência regional do Vale do Paranhana em tempos de pandemia, torna-se importante ressaltar alguns dos princípios, virtudes e benefícios do cooperativismo que podem contribuir com a construção de uma região resiliente. Obviamente, todos os princípios do cooperativismo fazem sentido ao desenvolvimento regional, mas a “Compromisso com a comunidade” merece destaque no contexto apresentado. Com a asseguaração dos direitos igualitários aos benefícios gerados pela cooperativa, tanto para colaboradores quanto para pessoas da comunidade, além da influência e opinião acerca de decisões administrativas e de âmbito geral para a cooperativa de todos os associados através do voto, as cooperativas geram a prática do princípio da preocupação com a comunidade, através da qual desenvolve-se a comunidade onde a organização está localizada através de seus membros.

E, ainda, o princípio fundamentado na “Educação, treinamento e informação” merece ênfase. As cooperativas proporcionam treinamentos e educação para seus cooperados (colaboradores, dirigentes eleitos e administradores), com o objetivo de capacitação das pessoas envolvidas no negócio, para o seu desenvolvimento. Para tanto, as cooperativas focam em três fatores que formam o alicerce deste princípio básico do cooperativismo: instalação de comitê educativo na própria cooperativa, gerando ensino da doutrina cooperativista e treinamento em gestão de cooperativas; desenvolvimento dos associados, familiares e comunidade onde a cooperativa está inserida e divulgação dos objetivos e missão da cooperativa inicial aos novos associados (CRÚZIO, 2005).

Falando sobre as virtudes do cooperativismo, frisam-se, no contexto deste estudo: a) viver melhor ou conseguir melhor nível de vida, através do auxílio mútuo; b) educar economicamente o povo, tornando-o apto para a autogestão econômica e política; c) facilitar a todos o acesso à propriedade e; d) eliminar o lucro capitalista, criando a preocupação com a satisfação das necessidades dos homens e não com a obtenção de lucros (Rech, 1995). Além disso, as cooperativas oferecem diferentes vantagens, sendo que, para este estudo, ressaltam-

se: a) representam coletivamente os interesses e/ou as necessidades de todos os associados, considerando-se os objetivos de produção, comercialização ou prestação de serviços para fornecedores, consumidores, governos, comunidades locais, etc.; b) negociam melhores preços, prazos e formas de pagamentos junto a fornecedores, mediante compras em grande quantidade, e reduzem os custos unitários da produção ou aqueles decorrentes da prestação de serviços para terceiros; c) garantem direitos iguais a todos os sócios, independentemente das condições econômicas, políticas e sociais de cada um, dentro ou fora da associação e; d) possibilitam o desenvolvimento intelectual dos associados e de seus familiares, por meio da instalação de um comitê educativo (Crúzio, 2005). Então, deve-se levar em conta a vantagem do trabalho em conjunto, em que, através de um processo evolutivo e acumulativo, a interação proporciona grandes ganhos de aprendizado e *know-how*. Também está, no rol das vantagens do modelo cooperativo, a possibilidade de barganhar melhores preços dos produtos ofertados, de diversificar a produção, de obter melhores condições de crédito e de eliminar os intermediários (RECH, 1995).

Contextualizando e trazendo exemplos que podem ajudar a compreender como o cooperativismo promove impactos positivos junto às regiões em que se desenvolve, têm-se situações como a dos agricultores que, por exemplo, objetivando minimizar as perdas de escala em virtude da diversificação, podem se organizar em cooperativas, permitindo a comercialização e resolução de problemas de infraestrutura de beneficiamento, armazenamento, mecanização, custos e transporte de forma conjunta, agregando valor aos produtos (Sambuichi *et al.*, 2014). Outro caso está relacionado com acesso ao microcrédito, que possui relevância dentro da dinâmica do desenvolvimento regional, seja através de apoio às micro e pequenas empresas ou rural e ligado à agricultura familiar, constituindo-se como alternativa a estes grupos, uma vez que muitas vezes não conseguem acessar outros canais de financiamento. Isso evidencia-se principalmente em regiões onde prevalece o sentido de cooperação, caracterizada pela mobilização e ação política dos atores, como microempresários e agricultores (Conterato; Gazolla e Schneider, 2007). Falando especialmente do foco na qualificação dos cooperados, bem como de suas famílias, torna-se importante pois a partir do desenvolvimento da capacidade de gestão de indivíduos que se encontram inseridos nessas empresas ou propriedades, existe a real possibilidade de torná-las mais lucrativas e atrativas para comunidade que dela depende (CENCI *et al.*, 2017).

A respeito da participação, neste caso de produtores rurais junto à diferentes mercados, buscando evitar a necessidade de adentrar o mercado informal, uma estratégia que se apresenta

como forte alternativa é a constituição de cooperativas ou associações municipais ou regionais de produtores. Essas têm o objetivo de, principalmente, buscar a potencialização de atividades através da união de produtores e a redução de riscos e obstáculos enfrentados por estes, como otimização de possíveis coletas, acesso a insumos, capacitação de produtores, suporte, entre outras benesses (Poccard-Chapuis *et al.*, 2000). Nesse sentido, como forma de minimizar as dificuldades enfrentadas pela produção de base familiar, Chrestani *et al.* (2008) preconizam o fortalecimento do poder de barganha dos produtores rurais valendo-se das formas coletivas de organização, devendo-se investir em uma educação cooperativista dos produtores e jovens do meio rural para atingir esse objetivo. Além disso, devem-se estabelecer relações harmônicas entre o produtor e a indústria de beneficiamento.

Tais contribuições reforçam a necessidade do estabelecimento de estratégias regionais, visando o desenvolvimento de diferentes atividades através da articulação e ação integrada entre os diferentes atores econômicos, sociais e políticos envolvidos na cadeia de valor das atividades. Assim, a sociedade civil, a iniciativa privada, as associações e cooperativas, universidades, governo, ONGs, entre outros, são parceiros no planejamento, coordenação e acompanhamento do processo. Tais considerações aproximam-se do conceito de desenvolvimento regional endógeno, que reforça a necessidade da proatividade e iniciativa dos atores regionais, promovendo uma forma de governança, elaborando políticas de fortalecimento e melhorias internas na região, uma vez que este se origina no interior do próprio sistema econômico-social, de dentro da própria comunidade (Chrestani *et al.*, 2008; Padilha, 2009). Não é à toa que tal conceito se aproxima do que a literatura reforça como necessário ao desenvolvimento de competências voltadas à criação de resiliência regional numa perspectiva evolucionária.

3 O Vale do Paranhana

O Vale do Paranhana, no Rio Grande do Sul, é formado pelos municípios de Três Coroas, Igrejinha, Parobé, Taquara, Rolante e Riozinho, tendo seu nome proveniente do rio que banha os municípios da região (Portal FAMURS, 2020). Sua economia é, de acordo com a Secretaria do Planejamento, Mobilidade e Desenvolvimento Regional (2015), baseada essencialmente na indústria da transformação, especialmente a calçadista. Embora disponha de atividades diversificadas, proporcionadas por indústrias de pequeno e médio porte e pelo comércio varejista, a maior parcela de renda e dos empregos são gerados pelo setor coureiro-calçadista,

contando com grandes expoentes desse segmento, como Calçados Beira-Rio, Piccadilly, Usaflex e Bibi.

A importância da cadeia coureiro-calçadista também é perceptível, conforme dados também da secretaria estadual, no que se refere ao pessoal ocupado no Vale do Paranhana, onde mais de 60% atuam junto à indústria. Esses dados indicam uma participação consideravelmente superior da indústria, de maneira geral, em relação à média estadual, o que reflete a base industrial do Paranhana intensiva em empregos, devido à participação dos segmentos calçadista, bebidas e de produtos alimentícios. Ainda, a especialização da região pode ser atestada pelas características do Vale do Paranhana, bem como pelo seu histórico, colonização e desenvolvimento das atividades produtivas a partir dos primeiros moradores (MORAIS, 2012).

Além da produção de calçados e componentes, há também a planta industrial do grupo Heineken, uma das grandes empresas produtoras de cerveja e refrigerantes do mundo. De acordo com a Secretaria do Planejamento, Mobilidade e Desenvolvimento Regional (2015), no VAB da Indústria, a Transformação destaca-se, especialmente considerando Igrejinha, Três Coroas e Parobé, principalmente por causa da Fabricação de Calçados, que representa mais de 50% de participação na região. A Fabricação de Bebidas, especialmente as alcoólicas, vêm logo atrás, seguida pela Fabricação de Produtos Alimentícios, consistindo no abate e fabricação de produtos de carne.

Tratando sobre sua história e colonização da região, têm-se como principal fato a vinda de imigrantes alemães, que se identificavam principalmente como a produção agropecuária e industrialização derivada do calçado, sendo essa uma marca da região (Morais, 2012). Os primeiros colonizadores eram provenientes da região do Hunsrück, na divisa com a França. Em 1855 o vale já abrigava cerca de 400 famílias que se dedicavam especialmente a agricultura e agropecuária, mas frisa-se que alguns dos imigrantes já possuíam conhecimento sobre o fabrico de sapatos, chinelos e tamancos, dando início, dessa forma, a um pequeno nicho de produção de calçados sob encomenda. A partir da década de 1940, com a diminuição das exportações de piretro, a região passou a dedicar-se a fabricação de arreios e calçados (GALVÃO, 1999).

A fabricação de calçados proporcionou, a partir de 1970, o deslocamento populacional das zonas rurais para as urbanas, sendo que nessa década aproximadamente 68% da população da região já estava residindo na zona urbana dos municípios do Vale do Paranhana, o que proporcionou uma alavancagem no setor coureiro-calçadista, onde os moradores foram atraídos pela oferta de empregos e outros fatores, como educação saúde e infraestrutura (Morais, 2012). No Vale do Paranhana, a maior diferença entre população urbana e rural concentra-se nos

municípios em que a atividade industrial desenvolveu-se intensamente, principalmente no âmbito coureiro-calçadista, citando-se em especial as cidades de Igrejinha, Parobé e Três Coroas, o que pode ser atestado pelo fato de que uma das principais características do setor coureiro-calçadista é a necessidade de grande número de processos, o que acaba gerando representativo volume de mão de obra necessária, já que diversas tarefas são praticamente artesanais (GALVÃO, 1999).

Porém, o final da década de 1990 e 2000 trouxeram dificuldades ao setor coureiro-calçadista, principalmente decorrentes de fatores como a migração de empresas para o Nordeste do País, a entrada dos calçados chineses e vietnamitas e os períodos de valorização do câmbio, o que diminuiu a competitividade dos calçados brasileiros, afetando também o Vale do Paranhana/RS (Secretaria do Planejamento, Mobilidade e Desenvolvimento Regional, 2015). Assim, o setor calçadista foi impactado, resultando no fechamento de empresas e extinção de postos de trabalho, sendo que as maiores perdas ocorreram nos municípios onde a estrutura industrial é concentrada na atividade coureiro-calçadista, enfrentando graves problemas em relação a crise no setor, ocasionando em desemprego e expressiva perda de participação no PIB do Rio Grande do Sul (CALANDRO; CAMPOS, 2013).

A pandemia também trouxe mais dificuldades ainda à indústria do Vale do Paranhana. Após um período de relativa estabilidade, com investimentos sendo realizados por empresas como Usaflex, Piccadilly e Bibi, o quadro geral de baixa na demanda no mercado interno e externo provocado pela pandemia acarretou a extinção de mais de 5.100 vagas formais de emprego na primeira metade de 2020. A região demonstrava saldo positivo nos dois primeiros meses de 2020, inclusive registrando a abertura de mais de 2 mil vagas de emprego. Porém, nota-se que a partir de março, com o advento das primeiras medidas restritivas impostas pelo cenário pandêmico, o declínio foi constante, chegando à redução citada, consistindo no saldo entre admissões e demissões registradas pelo governo. Sobre setores que mais sofreram, a indústria corresponde à 85% das vagas extintas na região, por conta da expressiva representatividade das fábricas calçadistas na economia. Por outro lado, frisa-se que a construção civil foi o único setor que apresentou saldo positivo neste período, mas de apenas sete postos de trabalho. Comércio e serviços também sofreram um impacto significativo, com baixas de 458 e 267 postos de trabalho, respectivamente (LINDEN, 2020).

Junto do viés industrial, a produção agropecuária também coexiste no Vale do Paranhana. Falando-se sobre os produtores rurais do Vale do Paranhana, pode-se considerá-los, predominantemente, produtores de base familiar, uma vez que é a família que organiza a

produção e gerencia a propriedade, visando garantir sua reprodução social. Constituem-se em grupos pluriativos, uma vez que, dada a pequena distância em relação aos centros urbanos, apresentam membros que trabalham em atividades ligadas ao comércio e indústria (principalmente a calçadista), complementando a renda proveniente do trabalho rural. Em virtude de suas características geográficas, contando com terreno acidentado, predominam propriedades com poucos hectares em exploração (há situações em que porções do território contam com florestas, montanhas e pedras), com suas propriedades localizadas nos territórios do interior dos municípios.

Destaca-se, na região, a diversificação de culturas adotadas pelos produtores, principalmente a produção de olerícolas em geral, sendo que as plantações apresentam variação conforme os microclimas existentes. Além destas, também é explorada pelos produtores a produção de leite, de suínos e a venda de bezerros. Os produtores comercializam sua produção através da coleta por parte de cooperativas e laticínios com atuação regional, mas também por meio do mercado informal, diretamente ao consumidor final, onde consegue preços maiores pelo litro do leite. Ainda, os produtores do Vale do Paranhana apresentam, em sua maioria, idade avançada, refletindo as dificuldades em conseguirem sucessão para suas propriedades, contribuindo para o quadro de êxodo rural que compõem a região, uma vez que, dado o viés histórico, o alto volume de postos de trabalho demandado pela industrialização calçadista e serviços diversos ainda acaba por ser uma opção aos jovens que não pretendem permanecer no campo, uma vez que almejam renda fixa e segurança em relação ao emprego.

4 Metodologia

A pesquisa valeu-se de método misto concomitante, caracterizado por convergir dados quantitativos e qualitativos, buscando realizar uma análise abrangente do problema da pesquisa. Além disso, a pesquisa caracterizou-se como um estudo exploratório de múltiplos casos, levando-se em conta o contexto das cooperativas participantes do estudo.

A primeira parte da coleta de dados foi desenvolvida a partir de pesquisa bibliográfica e documental, levantando-se informações sobre as atividades conduzidas pelas cooperativas do Vale do Paranhana. Posteriormente, na segunda etapa, buscando contemplar a coleta de dados, foi aplicado um questionário junto às amostras selecionadas, buscando identificar os efeitos da pandemia sobre as cooperativas pesquisadas, bem como ações desenvolvidas por estas na busca da construção de resiliência regional.

O universo da coleta de dados foi o contingente de diferentes cooperativas localizadas no Vale do Paranhana/RS. O objetivo foi contemplar cooperativas com focos distintos (preferencialmente de crédito, agropecuária e saúde) com sede ou que atendessem municípios do Vale do Paranhana. Compuseram essa pesquisa a Sicredi Caminho das Águas, a Cooperativa Agropecuária Planalto e a Cooperativa Alfa (nome fictício – a cooperativa optou por não divulgar seu nome na pesquisa). A pesquisa também foi compartilhada com outras duas cooperativas do ramo de crédito e uma do segmento agropecuário, mas estas não apresentaram interesse em participar. Foram questionados um representante de cada cooperativa, valendo-se de amostras não probabilísticas intencionais por acessibilidade.

O questionário possuía vinte e quatro questões, tanto qualitativas (semiestruturadas) quanto quantitativas (fechadas). Buscando responder ao questionamento central deste artigo, além da contextualização e dados gerais sobre a cooperativa, estabeleceram-se perguntas-base a partir dos objetivos específicos. Essa etapa da pesquisa foi realizada através de meios digitais entre os meses de junho e julho de 2021. Os dados foram mantidos sob sigilo, sendo posteriormente consolidados. Depois de realizada a etapa de coleta de dados, caracterizada pela aplicação do questionário aos representantes das cooperativas do Vale do Paranhana, fez-se necessário o uso da estatística descritiva, objetivando organizar os dados coletados e facilitar a compreensão destes.

5 Ações e atividades das cooperativas do Vale do Paranhana/RS e a resiliência regional

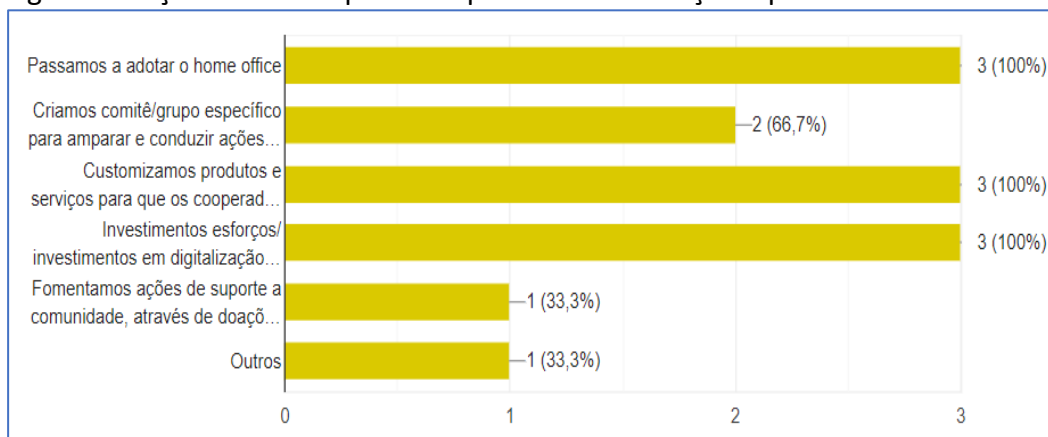
Participaram da pesquisa a Cooperativa Alfa, que optou por não revelar seu nome e que possui foco na área da saúde, a Sicredi Caminho das Águas, cooperativa de crédito e a Cooperativa Agropecuária Planalto que, como o próprio nome diz, tem foco em negócios agropecuários. Através de questionários enviados à representantes dessas cooperativas, teve-se o objetivo de analisar os efeitos da pandemia sobre as cooperativas pesquisadas, bem como ações desenvolvidas por esta na busca da construção de resiliência regional. Dentro do seu campo de atuação, torna-se interessante questionar suas percepções sobre a temática. Caracterizando as cooperativas participantes da pesquisa, questionou-se sobre ano de fundação destas, localização da sede regional, municípios atendidos pelas cooperativas e se atendiam outros municípios além dos existentes no Vale do Paranhana. Também, questionou-se número de cooperados e colaboradores, buscando maior profundidade na caracterização da análise.

A Cooperativa Alfa, que optou por não divulgar seu nome, possui foco na área da saúde, contando com médicos e profissionais cooperados. Atualmente, atende todos os municípios do Vale do Paranhana, além de outros fora da região. A Sicredi Caminho das Águas, cooperativa de crédito, possui uma jornada mais longa, tendo sido fundada em 1923, com sede no município de Rolante. A cooperativa também atende todos os municípios do Paranhana e outros que não fazem parte do recorte geográfico. Conta com um número maior de cooperados, aproximadamente 47.000 indivíduos, além de 260 colaboradores. Por fim, a Cooperativa Agropecuária Planalto, com sede no município de Gramado/RS, foi fundada em 1960, nascendo com o propósito de apoiar os produtores rurais. Atualmente, a cooperativa atende os municípios de Três Coroas, Igrejinha e Taquara, além de outros que não fazem parte do Vale do Paranhana. Conta com 340 cooperados e 12 colaboradores.

5.1 - Ações conduzidas pelas cooperativas na pandemia de Covid-19 e as atividades de apoio à comunidade local/cooperados

Quando perguntados sobre como suas organizações haviam reagido à pandemia causada pelo Covid-19 e quais foram as primeiras ações tomadas, nota-se que todas passaram a adotar o modelo de *home office* para seus colaboradores para dar sequência ao trabalho e customizaram produtos e serviços para que os cooperados pudessem dar continuidade às suas atividades, além de investirem esforços e valores na digitalização de negócios, buscando manter as atividades tanto dos cooperados como da comunidade, de maneira geral. A Cooperativa Alfa e a Sicredi criaram comitê ou grupo específico para amparar e conduzir ações junto aos cooperados, colaboradores e comunidade durante a pandemia, contribuindo com ações junto aos cooperados, municípios e suas populações. Além disso, a Sicredi fomentou ações de suporte a comunidade através de doações e amparos à públicos que passaram a sentir com maior ênfase os impactos da pandemia. Assinalando a opção “Outros”, a Sicredi ainda comentou que também disponibilizaram suporte psicológico individual e grupal, tanto para colaboradores como para seus familiares, além de disponibilizarem, junto às agências, auxiliares específicos para conduzirem protocolos sanitários e trazerem maior segurança aos colaboradores e associados. A figura 1 ajuda a compreender as ações realizadas pelas cooperativas pesquisadas.

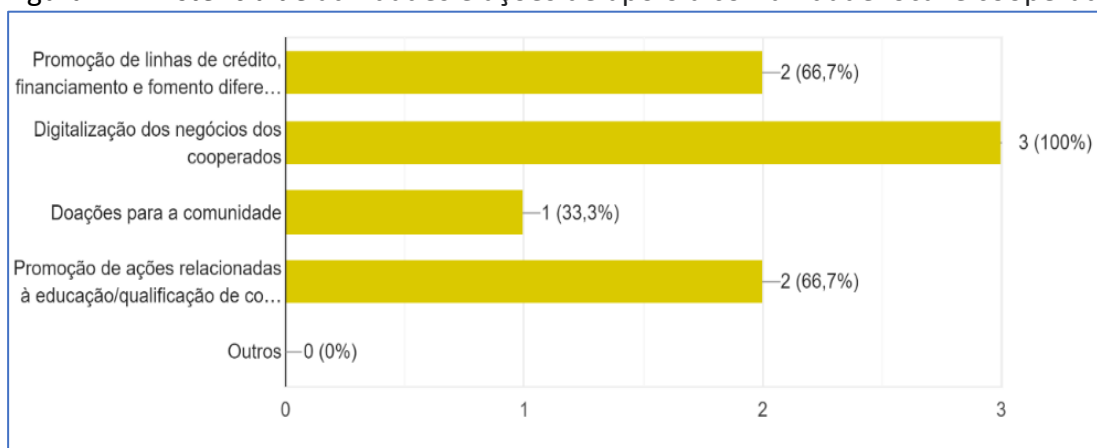
Figura 1 – Ações tomadas pelas cooperativas em relação à pandemia de Covid-19



Fonte: os autores (2021)

Outra pergunta realizada consistiu em questionar se existiram ou ainda existem atividades e ações de apoio à comunidade local e cooperados. Todos os representantes sinalizaram que trabalharam na digitalização dos negócios dos cooperados. A Sicredi Caminho das Águas e Cooperativa Planalto destacam-se também por promoverem linhas de crédito, financiamento e fomento diferenciados aos seus cooperados, além de ações relacionadas à educação e qualificação de cooperados e comunidade. Ainda, a Sicredi também atuou no sentido de realizar doações à comunidade. A figura 2 auxilia na compressão das atividades conduzidas.

Figura 2 – Existência de atividades e ações de apoio à comunidade local e cooperados



Fonte: os autores (2021)

Abriu-se espaço para que pudessem comentar sobre resultados e impacto para a comunidade e/ou cooperados sobre as atividades e ações conduzidas. A Cooperativa Alfa comentou que, estando na linha de frente, teve de ajustar seus processos internos, treinar as equipes e investir em estrutura e equipamentos para tornar o atendimento segura e manter o padrão de qualidade nos atendimentos realizados. Com os diversos esforços, conseguiram

ajustar a capacidade existente e atender a demanda com qualidade e segurança. Já a Sicredi, falando especificamente da concessão de crédito, afirmou que a cooperativa disponibilizou cerca de R\$ 140 milhões de reais aos seus associados em linhas de empréstimos com taxas diferenciadas em relação ao mercado, focando no enfrentamento a pandemia e manutenção das empresas e empregos. Além disso, também citaram a realização de diversas ações e doações, como equipamentos, EPIs e suprimentos para os hospitais da região.

A Cooperativa Planalto disse que conseguiram angariar novos associados e novos clientes terciários devido à expansão digital dos negócios realizada pela cooperativa, contribuindo para a sustentabilidade das operações. As ações conduzidas pelas organizações convergem com o conceito de resiliência evolucionária, caracterizada como a capacidade de uma economia regional se reconfigurar, ou seja, adaptar sua estrutura (empresas, indústrias, tecnologias e instituições), a fim de manter um caminho de crescimento na produção, empregos e riqueza ao longo do tempo, tal qual preconizado em Boschma (2015).

Nesse contexto, além de comumente se pensar em empresas e indústrias, políticas de desenvolvimento local e regional também são essenciais onde mudanças ambientais, condições hierárquicas, redes de relacionamento e inovação afetam o dinamismo e a adaptabilidade das economias regionais. Assim, o capital social da região é tratado como importante no que tange a resiliência, exatamente por levar em conta a rede de interconexão entre elas e o senso de comunidade e apego ao local (González-Muzzio, 2013). Nesse sentido, as cooperativas também contribuem com a resiliência da região, uma vez que seus princípios buscam, pelo resultado econômico o desenvolvimento social, a melhoria da qualidade de vida, tendo seus valores baseados na ajuda mútua, responsabilidade, democracia, igualdade, equidade e solidariedade, buscando viabilizar o associado economicamente, mediante prestação de serviços, desenvolvimento cultural e profissional.

Complementando, conforme externado pelos respondentes, o apoio também consistiu no suporte à digitalização dos negócios e promoção de ações ligadas à educação e qualificação dos cooperados e comunidade, algo que faz parte do importante papel das cooperativas, que proporcionam treinamentos e educação para seus cooperados (colaboradores, dirigentes eleitos e administradores), com o objetivo de capacitação das pessoas envolvidas no negócio, para o seu desenvolvimento. As ações conduzidas pelas cooperativas pesquisadas ainda encontram respaldo quando se fala em qualificação dos cooperados, bem como de suas famílias, isso porque é a partir do desenvolvimento da capacidade de gestão de indivíduos que se encontram inseridos nessas empresas ou propriedades que existe a real possibilidade de torná-las mais lucrativas e

atrativas para comunidade que dela depende (Cenci *et al.*, 2017). Nota-se convergência das ações com o que é preconizado no conceito de resiliência regional evolucionária, onde o conhecimento e a inovação ganham destaque, direcionando-se maior atenção às oportunidades de processos amplos e contínuos de geração de conhecimento, formação de recursos humanos e desenvolvimento de capacidades na indústria e empresas em interação com organizações públicas de pesquisa e educação.

5.2 - Efeitos sobre as atividades, gestão e planejamento das cooperativas

Seguindo, o cenário da pandemia, conforme demonstrado no capítulo que trata do Vale do Paranhana, trouxe grandes desafios e redução nos postos de trabalho (Linden, 2020). Obviamente, estimava-se que tal cenário representaria redução nas atividades, fluxo de negócios ou operações das cooperativas, mas isso só ocorreu com a Alfa. As demais, Sicredi e Planalto, assinalaram negativamente essa questão, ou seja, não tiveram redução em suas operações ou negociações. Outro ponto interessante é que em duas delas, Alfa e Sicredi, a pandemia não acarretou a redução do número de colaboradores.

Convidados a comentarem essas questões, a Cooperativa Alfa relatou que passaram a otimizar seus processos para que pudessem continuar atendendo seus cooperados, onde, por vezes, consultas eletivas foram suspensas, algumas vezes utilizaram o recurso de atendimento remoto (tele consulta), mas, dentro do possível, mantiveram as operações dentro da normalidade, em algumas situações, até ampliando o horário de atendimento para que pudessem qualificar o acolhimento do público.

A Sicredi comentou que, nos primeiros meses da pandemia, houve redução dos negócios em virtude da baixa demanda por produtos. Contudo, esse quadro conseguiu ser revertido e a demanda aumentou, uma vez que o segmento de crédito têm sido muito acionado durante a pandemia e, conforme seu gestor, a cooperativa segue na contramão, sendo que durante a pandemia conseguiram fomentar negócios e empregos para a comunidade. A Planalto também traz um quadro positivo, sinalizando que, no início da pandemia em 2020, a cooperativa sofreu uma queda abrupta nos volumes de vendas, mas que estas voltaram a reagir no final do ano, superando as expectativas, onde, por exemplo, os números de janeiro de 2021 superaram os do mesmo mês em anos anteriores.

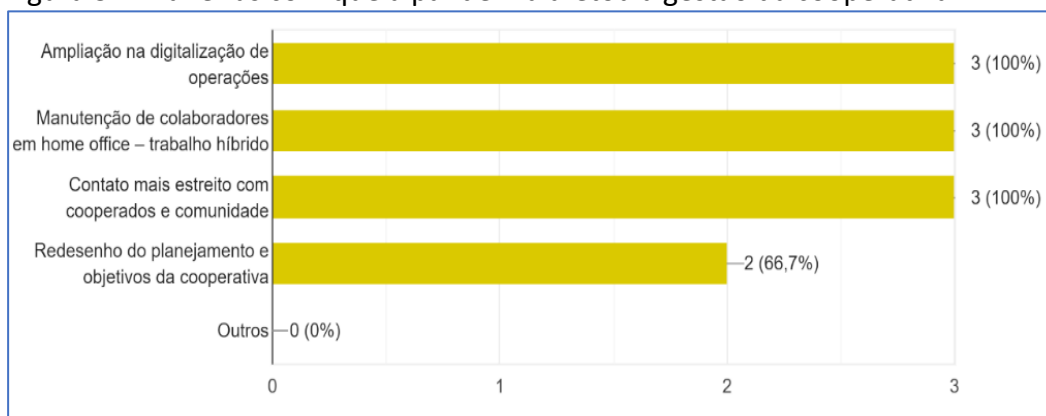
Novamente, nota-se o impacto das organizações cooperativas sobre a resiliência do Vale do Paranhana. A resiliência regional depende da capacidade das regiões lidarem com choques

pontuais e mudanças, criando novas trajetórias de crescimento para compensar processos de estagnação e declínio em sua economia regional (Saviotti 1996 *apud* Boschma 2015) e, para isso, as respostas auxiliam na compreensão de como as organizações demonstraram agilidade ao digitalizar negócios e estabelecer estratégias que pudessem assegurar a continuidade dos negócios durante a pandemia, mesmo com diferentes mudanças ocorrendo na sociedade.

Isso converge, no caso dos cooperados da cooperativa Planalto, por exemplo, onde a constituição de cooperativas ou associações municipais ou regionais de produtores objetiva, principalmente, a potencialização de atividades através da união de produtores e a redução de riscos e obstáculos enfrentados por estes, como otimização de possíveis coletas, acesso a insumos, capacitação de produtores, suporte, entre outras benesses (Poccard-Chapuis *et al.*, 2000). Deve-se levar em conta a vantagem do trabalho em conjunto, em que, através de um processo evolutivo e acumulativo, a interação proporciona grandes ganhos de aprendizado e *know-how*, além da possibilidade de barganhar melhores preços dos produtos ofertados, de diversificar a produção, de obter melhores condições de crédito e de eliminar os intermediários (RECH, 1995).

Quando convidados a sinalizar de que a maneira a pandemia afetou a gestão da cooperativa, todas elas citaram a ampliação na digitalização de suas operações, a manutenção de colaboradores em home office (adotando também jornadas híbridas) e um contato mais estreito com os cooperados e comunidade. As cooperativas Alfa e Planalto ainda sinalizaram a necessidade de redesenho do planejamento e dos objetivos das organizações. A Figura 3 demonstra as respostas dos gestores sobre o questionamento.

Figura 3 – Maneiras com que a pandemia afetou a gestão da cooperativa



Fonte: os autores (2021)

Convidados a comentar suas respostas, o gestor da Cooperativa Alfa afirmou que muitos projetos que estavam em análise foram antecipados e ainda outros projetos também tiveram de

ser criados para melhor atender cooperados e comunidade durante a pandemia. Na Sicredi, houve a revisão de processos e ações estratégicas, onde, por exemplo, a crise econômica causada pela pandemia fez a cooperativa repensar a estratégia de exposições em crédito de maior risco. Também, a situação gerada pela pandemia acabou “quebrando” algumas crenças e possibilitou que se pudesse, por exemplo, adotar o trabalho remoto. O gestor comenta que, atualmente, “80% do time da sede administrativa já trabalha, há mais de um ano, em *home office* e os resultados e objetivos seguem sendo entregues, onde a eficiência do time aumentou”. Corroborando, a Cooperativa Planalto diz que criaram um comitê estratégico para lidar com todas as mudanças e questões criadas pela pandemia, mas ressaltam que tiveram relativo êxito, uma vez que conseguiram, inclusive, ampliar negócios. Deve-se levar em conta a vantagem do trabalho em conjunto, em que, através de um processo evolutivo e acumulativo, a interação proporciona relevantes ganhos de aprendizado e *know-how*.

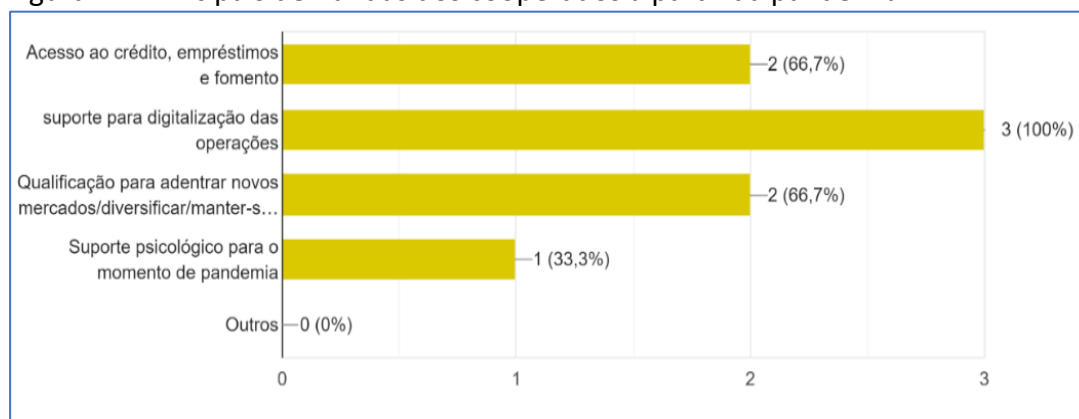
Na pergunta subsequente, os gestores foram interpelados diretamente sobre como a pandemia modificou, alterou ou impactou os planos das cooperativas, bem como quais haviam sido os impactos sobre o planejamento e o que precisou ser remodelado. A Planalto comenta que, basicamente, tiveram de mudar estratégias de venda e alterar questões operacionais, principalmente pelo processo de digitalização dos negócios. De maneira similar, a Sicredi também comenta que a pandemia impactou principalmente na digitalização de negócios, porém, frisam que a estratégia da cooperativa, em si, não mudou. A Cooperativa Alfa, por sua vez, diz que a pandemia acarretou diversas mudanças, desde a retomada do número de planos, a suspensão de reajuste destes, inadimplência etc., onde, basicamente, todos os processos, desde a parte médica até a parte administrativa, foram ou estão sendo repensados em função da pandemia. Importante salientar a adaptabilidade das organizações cooperativas em meio a pandemia, exatamente pela velocidade em que conseguiram, por exemplo, focar na digitalização de negócios, adotar modelos híbridos de trabalho e ainda, em alguns casos, ampliar suas operações. Tais evidências reforçam as próprias características resilientes destas organizações.

5.3 - Demandas dos cooperados a partir da pandemia

O próximo questionamento relacionava-se à quais as principais demandas apresentadas pelos cooperados a partir da pandemia, onde a figura 4 demonstra suas respostas. O suporte para a digitalização das operações foi salientado por todas as cooperativas, demonstrando o quanto o meio digital permitiu a continuidade de negócios e atividades durante a pandemia.

Ainda, duas cooperativas, Alfa e Planalto, sinalizaram demandas relacionadas à qualificação para adentrar novos mercados, diversificar atividades ou manter-se ativo por parte de seus cooperados. A cooperativa Planalto cita também demandas e necessidades de acesso ao crédito, empréstimos e fomento, opinião também compartilhada pela Sicredi. Apenas a Cooperativa Alfa sinaliza alta demanda por suporte psicológico em meio a pandemia por parte de seus cooperados.

Figura 4 – Principais demandas dos cooperados a partir da pandemia



Fonte: os autores (2021)

Podendo comentar sobre as principais demandas apresentadas pelos cooperados, o gestor da Planalto diz que estas se relacionam principalmente à necessidade de efetivamente vender seus produtos, uma vez que, por se tratar de uma cidade turística (a sede da cooperativa é em Gramado/RS, polo turístico gaúcho), “[...] e contarmos com muitas agroindústrias, as vendas para cooperados reduziram muito, então o auxílio da Cooperativa na digitalização dos produtos foi de grande importância para os associados”. Na Sicredi, o gestor afirma que “acesso ao crédito é, sem dúvidas, a principal demanda dos associados, e na maior parte dos casos isso ocorre para suportar os efeitos da crise até que os mercados possam reagir na sua totalidade”. O gestor ainda comenta que muitas pessoas não estavam financeiramente preparadas para um momento como esse, então, apoiar os cooperados com linhas de crédito, foi algo muito importante, além de, mesmo que não tenha sido a principal demanda por parte destes, disponibilizar apoio psicológico para colaboradores e familiares.

Perguntados sobre se houveram, ou ainda existem, iniciativas e ações com foco na saúde pública em decorrência da pandemia, todas as cooperativas sinalizaram positivamente. Abrindo-se espaço para que pudessem comentar sobre ações e iniciativas conduzidas, a Cooperativa Alfa cita a veiculação de campanhas de conscientização sobre os cuidados necessários em razão do Covid-19 na mídia e a Sicredi fala sobre a realização de campanhas conduzidas relacionadas à

arrecadação de valores e itens de higiene para posterior doação à diferentes entidades. Nesse sentido, a cooperativa cita que foram realizados levantamentos com os hospitais presentes na área de atuação da organização, entendendo a necessidade destes e, a partir disso, foram realizadas doações de produtos e equipamentos, atestando-se novamente a contribuição do cooperativismo para a construção de resiliência regional. O foco no desenvolvimento de pessoas e empreendimentos torna-se essencial para o consequente desenvolvimento também de municípios e regiões, principalmente se for levado em conta os impactos causados pela pandemia de Covid-19, tanto do ponto de vista econômico como social. Não só através da geração de empregos diretos, mas também partindo do apoio à comunidades regiões, seja através de campanhas, linhas de crédito especiais ou na geração de empregos e renda, o cooperativismo vêm dando contribuições significativas.

5.4 - Iniciativas e contribuições das cooperativas para a resiliência regional

Em seguida, questionou-se se houve ou existem iniciativas focadas na retomada econômica da região, com impacto sobre os cooperados e a comunidade. As Cooperativas Alfa e Sicredi salientaram que sim e a Cooperativa Planalto, por focar no acompanhamento dos produtores e contar com equipe de trabalho reduzida, sinalizou negativamente. Sobre essa questão, a Alfa afirma que suas iniciativas vão desde a manutenção até retomada do número de vidas com planos de saúde, realizada através de iniciativas do departamento comercial. Já a Sicredi fala de parcerias que foram realizadas com o Sebrae e apoio aos cooperados e empreendedorismo.

No bloco de perguntas com foco na contribuição das cooperativas para a resiliência regional, a primeira pergunta trouxe o seguinte questionamento: “Você acredita que as ações e iniciativas da cooperativa contribuíram/contribuem com a resiliência (retomada no crescimento do volume de empregos, renda e qualidade de vida) do Vale do Paranhana?”, ao passo que todas as cooperativas responderam de maneira afirmativa. Convidados a comentar sobre suas opiniões, a Sicredi afirma que “Os efeitos da concessão de crédito são uma forma de contribuição direta, [...] e a cooperativa tem ofertado crédito com taxas menores em relação ao que é praticado por outras instituições”. Ainda, destaca que se não houvesse a cooperativa na região, a oferta de crédito provavelmente seria menor, uma vez que grandes bancos podem não priorizar pequenas cidades, e complementa dizendo que, infelizmente, o país está vivendo um momento muito delicado, e o fato de poder fomentar a economia por meio dos associados e por meio das

oportunidades de emprego é muito gratificante. De fato, como é preconizado na literatura, o acesso ao crédito e microcrédito possui relevância em termos de desenvolvimento regional, seja através de apoio às micro e pequenas empresas ou rural e ligado à agricultura familiar, constituindo-se como alternativa a estes grupos, uma vez que muitas vezes não conseguem acessar outros canais de financiamento. Isso evidencia-se principalmente em regiões onde prevalece o sentido de cooperação, caracterizada pela mobilização e ação política dos atores, como microempresários e agricultores (CONTERATO; GAZOLLA e SCHNEIDER, 2007).

Já o gestor da Cooperativa Alfa traz um relato bastante contundente, ressaltando que “nos piores momentos, quando estava tudo parado, a cooperativa estava aqui, preparada e organizada, mitigando os riscos para atender aos nossos beneficiários da melhor maneira”. Esse gestor diz que todo esse investimento e trabalho certamente contribuiu para a saúde e, conseqüentemente, para a qualidade de vida da região, uma vez que estiveram envolvidos na linha de frente no combate ao Covid-19. Dando sua contribuição, a Planalto diz que contribuiu conscientizando seus cooperados e comunidade sobre os cuidados em meio a pandemia, tentando fomentar negócios e prestar apoio aos cooperados para que mantivessem suas vendas mesmo nos momentos mais críticos. Também, ressaltou que os protocolos públicos de saúde adotados na cidade foram de grande importância para a retomada das atividades.

O questionamento seguinte foi: “O que poderia auxiliar na retomada no crescimento do volume de empregos e renda da população do Vale do Paranhana, tornando a região mais resiliente?”. A Sicredi comenta que, nesse sentido, deveriam ser conduzidos programas de atração e diversificação econômica, buscando atrair investimento diferentes do setor calçadista, por exemplo. Ainda, cursos de qualificação que pudessem gerar, inclusive, novas oportunidades de negócio também deveriam ser fomentadas. Já a Planalto, dentro do seu caso, cita que políticas de incentivo fiscal e financiamento vinculados à regularização e crescimento da atividade agropecuária e a conscientização da população no consumo de produtos do comércio/produção local poderiam auxiliar na retomada e no crescimento do volume de empregos e renda da população do Vale do Paranhana. Por fim, Alfa comenta algo similar, sem deixar de lado a questão sanitária, afirmando que “a vacinação é a primeira coisa que vem à mente, mas mais incentivos do governo para as atividades da região seriam muito bem-vindos para fomentar essa retomada”. Nota-se a expectativa que há, por parte das cooperativas, em ações mais contundentes por parte da gestão pública nessa retomada e na superação de diferentes desafios, necessitando-se de uma atuação constante de todos os atores da tríplice hélice regional.

Na sequência, os gestores foram questionados sobre a forma com que suas cooperativas poderiam contribuir com a retomada do volume de empregos e renda da população do Vale do Paranhana, além de tornar a região mais resiliente. O gestor da Sicredi acredita que isso passa por apoiar com crédito e participação na concepção dos programas de atração e diversificação econômica, que ressaltou na pergunta anterior, citando ainda que podem contribuir incentivando novos empreendimentos e startups. Por fim, também cita que a cooperativa já vem contribuindo, uma vez que estão explorando ainda mais a área de atuação da cooperativa, expandindo agências e gerando, dessa forma, diversas oportunidades de empregos. Sobre outras iniciativas do Sicredi, além de doações de itens e equipamentos para as comunidades em que está inserido, ainda em 2020 a cooperativa desenvolveu um fundo especial de apoio ao combate do Covid-19, e, além da presença social, a cooperativa gerou linhas de crédito diferenciadas de apoio a produtores rurais, empresas e pessoas físicas de municípios gaúchos e para seus associados. Ainda, conquistou um importante reconhecimento, como um dos Agentes Financeiros de Destaque através do BNDES, potencializando R\$ 912,8 mil através do PESE (Programa Emergencial de Suporte à Empregos), R\$ 5,3 milhões pelo PRONAMPE (Micro e Pequenas Empresas), R\$ 6,5 milhões pelo BNDES Pequenas Empresas e R\$ 120,9 milhões oriundos do FGI (Micro, Pequenas e Médias Empresas).

Por fim, dentro do ideal de potencialização de desenvolvimento de novos negócios e apoio à comunidade nesse sentido, a Sicredi Caminho das Águas destacou-se como a principal patrocinadora do Startup Weekend SAP 2021. O evento tem alto potencial de geração de novos negócios, impactando diretamente o desenvolvimento regional, sendo a primeira vez que o evento ocorre na região de abrangência do Sicredi Caminho das Águas, onde seus colaboradores e diretores estão envolvidos diretamente no apoio, mentoria e potencialização dos negócios que serão gerados a partir do evento.

A Planalto, na visão do seu gestor, acredita que pode contribuir através da intermediação de negócios para produtores e indústrias, além de auxiliar no desenvolvimento de políticas que possam facilitar a comercialização por parte dos produtores e sua conexão com novos clientes. Já a Cooperativa Alfa, dentro do seu escopo de atividades, frisa que contribui mantendo a sociedade com saúde, em condições de fazer essa retomada, de fato, acontecer.

O último questionamento foi sobre o panorama percebido pela cooperativa em relação ao Vale do Paranhana, quando se tratando da resiliência da região. De maneira geral, a percepção por parte dos gestores das cooperativas é bastante otimista, o que pode ser percebido pelos diferentes relatos. A Planalto diz que mantém boas expectativas em relação ao Vale do

Paranhana, uma vez que conseguiram superar diferentes desafios e que a região tem se unido pelo fortalecimento das diferentes organizações ali presentes. A Sicredi também demonstra perspectivas positivas sobre a região, sendo que acredita que o Vale do Paranhana tem se adequadamente muito bem e vêm se recuperando dos efeitos da pandemia, mas ressalta que a região ainda possui muitas possibilidades e precisa avançar na diversificação econômica. A Cooperativa Alfa, por outro lado, apesar de crer numa retomada econômica, acredita que isso irá levar algum tempo, citando que o Vale do Paranhana foi bastante afetado pela pandemia, especialmente a atividade calçadista, que “[...] foi bastante castigada tendo sua operação reduzida ou paralisada. Muitas empresas encerraram suas atividades e isso certamente impacta na resiliência da região. As atividades, na maioria, estão retomando, mas ainda vai alguns anos até normalizar completamente”.

As opiniões trazidas pelos gestores consultados convergem com a literatura, onde, sobre a cooperação e proatividade dos atores regionais, verifica-se que estes elaboram políticas de fortalecimento e melhorias internas na região, sendo que os movimentos se originam no interior do próprio sistema econômico-social, de dentro da própria comunidade (Chrestani *et al.*, 2008; Padilha, 2009). Isso, de fato, conecta-se ao que a literatura reforça como cenário ideal o desenvolvimento de competências voltadas à criação de resiliência regional numa perspectiva evolucionária.

6 Considerações finais

Esse artigo teve como objetivo analisar se as ações, estratégias e iniciativas conduzidas por cooperativas do Vale do Paranhana têm contribuído com a resiliência regional, especialmente durante a pandemia de Covid-19. Nesse sentido, o problema de pesquisa a ser respondido constituiu-se em: “As cooperativas do Vale do Paranhana têm contribuído com a resiliência regional?”. Após a realização da pesquisa, pôde-se responder afirmativamente ao problema de pesquisa disposto. As cooperativas, através de seu apoio aos cooperados, colaboradores e comunidade, de fato têm contribuído com a resiliência regional do Vale do Paranhana, onde o apoio na digitalização dos negócios mostrou-se uma necessidade, mas também acabou por gerar oportunidades, como é ressaltado especialmente pela Sicredi e pela Cooperativa Planalto. Ainda, o suporte na qualificação para que os cooperados pudessem adentrar novos mercados também é frisado e se caracteriza como uma forma de apoiar a resiliência da região como um todo, primando pela inovação e conhecimento.

A Planalto sinaliza, inclusive, aumento nos negócios após a digitalização destes, superando os efeitos negativos advindos da pandemia. Ainda, pode-se notar como as práticas das cooperativas também tiveram de mudar abruptamente, primando-se pelo trabalho remoto para que as atividades pudessem ter continuidade. A fala da Cooperativa Alfa, com foco na saúde, também faz muito sentido, uma vez que teve de organizar sua estrutura para continuar atendendo a comunidade da melhor maneira possível durante a pandemia. Em relação à conexão, apoio e ações junto à comunidade, destacam-se, principalmente, as campanhas da Sicredi focadas na doação de itens de higiene, apoio à hospitais, cuidados com a saúde pública e com seus colaboradores. Isso reforça os efeitos positivos do cooperativismo em relação à resiliência regional, uma vez que este preconiza a qualidade de vida e cooperação mútua em prol do desenvolvimento.

Dentro de seu campo de atuação, cada cooperativa parece contribuir com o desenvolvimento e resiliência da região, seja garantindo a saúde da população, fomento ao crédito e empreendedorismo ou fomento a políticas que privilegiem os produtos locais, exatamente pela preocupação com seus cooperados e comunidade. Isto é atestado pelas evidências, falas e declarações dos gestores que responderam à pesquisa.

Comentando sobre como podem contribuir na retomada do volume de empregos e renda da população do Vale do Paranhana, tornando a região mais resiliente, as cooperativas também acreditam que podem concretizar isso com suas atividades. O gestor da Sicredi acredita que isso passa por apoiar com crédito e participação na concepção dos programas de atração e diversificação, incentivando novos empreendimentos e startups, citando também que a cooperativa já vem contribuindo, uma vez que estão explorando ainda mais a área de atuação da cooperativa, expandindo agências e gerando, dessa forma, diversas oportunidades de empregos. A Planalto, na visão do seu gestor, acredita que pode contribuir através da intermediação de negócios para produtores e indústrias, além de auxiliar no desenvolvimento de políticas que possam facilitar a comercialização por parte dos produtores e sua conexão com novos clientes. Já a Cooperativa Alfa, dentro do seu escopo de atividades, frisa que contribui mantendo a sociedade com saúde, em condições de fazer essa retomada, de fato, acontecer.

As opiniões trazidas pelos gestores consultados convergem com a literatura, especialmente quando se frisa a necessidade do estabelecimento de estratégias regionais, visando o desenvolvimento de diferentes atividades através da articulação e ação integrada entre os diferentes atores econômicos, sociais e políticos envolvidos na cadeia de valor das atividades. Ainda, a literatura, bem como os gestores, comenta sobre a cooperação e

proatividade dos atores regionais, elaborando políticas de fortalecimento e melhorias internas na região, contribuindo com o desenvolvimento de competências voltadas à criação de resiliência regional numa perspectiva evolucionária.

Referências

- ANTONIETTI, R.; BOSCHMA, R. Social capital, resilience and regional diversification in Italy. Papers in **Evolutionary Economic Geography**, v.18.04, 2018. Disponível em <<http://econ.geo.uu.nl/peeg/peeg1804.pdf>>. Acesso em 14 jul. 2020.
- BOSCHMA, R. Towards an Evolutionary Perspective on Regional Resilience, **Regional Studies**, v. 49:5, p. 733-751, 2015. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1080/00343404.2014.959481>>. Acesso em 14 jul. 2020.
- BRISTOW, G., HEALY, A. Innovation and regional economic resilience: an exploratory analysis. **Ann Reg Sci**, v. 60, p. 265–284, 2018. Disponível em <<https://doi.org/10.1007/s00168-017-0841-6>>. Acesso em 14 jul. 2020.
- COENEN, L. et al. Advancing regional innovation systems: What does evolutionary economic geography bring to the policy table? **Environment and Planning C: Politics and Space**, v. 35, n. 4, p. 600-620, 2017. Disponível em <<https://doi.org/10.1177/0263774X16646583>>. Acesso em 14 jul. 2020.
- CENCI, N. J. *et al.* Ensino, produção leiteira e desenvolvimento local: um estudo sobre a região Oeste de Santa Catarina. RACEF - **Revista de Administração, Contabilidade e Economia da FUNDACE**, Ribeirão Preto, v.8, n.1, fevereiro, 2017. Disponível em <https://www.fundace.org.br/revistaracef/index.php/racef/article/viewFile/217/pdf_41>. Acesso em 04 nov. 2017.
- CHRESTANI, C. G. *et al.* Estratégia de desenvolvimento regional e sustentável: análise do território Centro-Sul do Paraná. **Revista Conexão UEPG**, v. 4, n.1, 2008. Disponível em <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/conexao/article/view/3816>>. Acesso em 19 out. 2020.
- CONTERATO, M. A.; GAZOLA, M.; SCHNEIDER, S. A dinâmica agrícola do desenvolvimento da agricultura familiar no Alto Uruguai/RS: suas metamorfoses e reações locais. In: Sabourin, E. e Tonneau, J. P. (org.). **Agricultura familiar: interação entre políticas públicas e dinâmicas locais**, v.1, 1ª ed. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2007.
- CRÚZIO, H. O. **Como Organizar e Administrar uma Cooperativa: Uma Alternativa para o Desemprego**. 4. Ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- EVENHUIS, E. New directions in researching regional economic resilience and adaptation. **Geography Compass**, 11:e12333, 2017. Disponível em <<https://doi.org/10.1111/gec3.12333>>. Acesso em 14 jul. 2020.
- GAWLAK, A. **Cooperativismo: primeiras lições**. Brasília: Sescop, 2010.
- GONÇALVES, C. Regiões, cidades e comunidades resilientes: novos princípios de desenvolvimento. **urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana**, maio/ago., v. 9(2), p. 371-385, 2017. Disponível em <<https://www.scielo.br/pdf/urbe/v9n2/2175-3369-urbe-2175-3369009002AO15.pdf>>. Acesso em 14 jul. 2020.

- GONZÁLEZ-MUZZIO, C. El rol del lugar y el capital social en la resiliencia comunitaria pos-desastre. Aproximaciones mediante un estudio de caso después del terremoto del 27/F. **EURE**, v.39, N. 117, p. 25-48, maio, 2013. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.4067/S0250-71612013000200002>>. Acesso em 14 jul. 2020.
- HASSINK, R. Regional resilience: a promising concept to explain differences in regional economic adaptability? **Cambridge Journal of Regions, Economy and Society**, v. 3, p. 45–58, 2010. Disponível em <<https://doi.org/10.1093/cjres/rsp033>>. Acesso em 14 jul. 2020.
- LINDEN, V. Vale do Paranhana perdeu 51 mil empregos formais no primeiro semestre. *In* Portal Rádio Taquara, julho, 2020. Disponível em <<https://www.radiotaquara.com.br/novo/vale-do-paranhana-perdeu-51-mil-empregos-formais-no-primeiro-semester/>>. Acesso em 05 jul. 2021.
- MARTIN, R. Regional economic resilience, hysteresis and recessionary shocks. **Journal of Economic Geography**, v. 12, pp. 1–32, 2012. Disponível em <<https://doi.org/10.1093/jeg/lbr019>>. Acesso em 14 jul. 2020.
- MARTIN, R.; SUNLEY, P. On the notion of regional economic resilience: conceptualization and explanation. **Journal of Economic Geography**, v. 15, p. 1–42, 2015. Disponível em <<https://doi.org/10.1093/jeg/lbu015>>. Acesso em 14 jul. 2020.
- PADILHA, V. K. Análise do Arranjo Produtivo Local da pecuária leiteira da região central do Estado de Rondônia como estratégia de desenvolvimento regional endógeno. Monografia (bacharelado). Universidade Federal de Rondônia, 2009.
- POCCARD-CHAPUIS, R. *et al.* Produção leiteira e Desenvolvimento Regional na Amazônia brasileira. **Revista de Política Agrícola** – Ano IX, n. 03, Jul-Ago-Set, 2000. Disponível em <<https://www.alice.cnptia.embrapa.br/alice/bitstream/doc/1053061/1/ProducaoLeiteira.pdf>>. Acesso em 19 out. 2020.
- RECH, D. **Cooperativas: uma alternativa de organização popular**. Rio de Janeiro: FASE, 1995.
- SAMBUICHI, R. H. R. *et al.* A diversificação produtiva como forma de viabilizar o desenvolvimento sustentável da agricultura familiar no Brasil. Capítulo 3 in **Brasil em desenvolvimento: Estado, planejamento e políticas públicas**. Brasília, Ipea, 2014. Disponível em <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/web_bd_vol2.pdf>. Acesso em 24 out. 2020.
- SIMMIE, J.; MARTIN, R. The economic resilience of regions: towards an evolutionary approach. **Cambridge Journal of Regions, Economy and Society**, v. 3, p. 27–43, 2010. Disponível em <<https://doi.org/10.1093/cjres/rsp029>>. Acesso em 14 jul. 2020.
- SCHMIDT, V. K.; ZEN, A.C. Desenvolvimento Regional e Resiliência de Cluster: uma proposta teórica. **RPCA – Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, v. 13, n. 1, jan. – mar, 2019. Disponível em <<https://doi.org/10.12712/rpca.v13i1.28142>>. Acesso em 14 jul. 2020.
- XIAO, X.; BOSCHMA, R.; ANDERSSON, M. Resilience in the European Union: the effect of the 2008 crisis on the ability of regions in Europe to develop new industrial specializations, **Industrial and Corporate Change**, Vol. 27, No. 1, p. 15–47, 2018b. Disponível em <<https://doi.org/10.1093/icc/dtx023>>. Acesso em 14 jul. 2020.